

LINGUASAGEM

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O FECHAMENTO DA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Marília Lima COTINGUIBA-PIMENTEL¹
Marco Paulo Bastos Souto Vieira SALES²

Resumo

Este artigo tem como proposta analisar, na perspectiva da análise do discurso francesa, uma notícia publicada em decorrência do fechamento da fronteira Brasil-Venezuela durante a pandemia do novo coronavírus (COVID-19, com o objetivo de evidenciar o modo de enunciação dos interdiscursos produzidos pelos veículos de comunicação, bem como observar os efeitos de sentidos gerados mediante a forma como se constituiu o discurso. A metodologia empregada para elaboração deste trabalho consistiu em um estudo descritivo, por meio de uma pesquisa de caráter exploratório das notícias publicadas na web, com uma revisão bibliográfica que trouxe apontamentos da AD francesa, tendo como referência Pêcheux (1993;1995), Foucault (2008) e Maingueneau (2008). A pesquisa indica como o discurso midiático interpela o assujeitamento do sujeito em um posicionamento de aliança as convicções defendidas pelo veículo de comunicação que propaga a informação, entretanto, ao mesmo tempo, há uma exterioridade constitutiva em relação a produção enunciativa que pode levar outros sujeitos a discordarem do ponto de vista defendido pela enunciação.

Palavras-chave: discurso midiático; interdiscurso; universo discursivo; imigrantes; fechamento da fronteira

Abstract

This article aims to analyze, from the perspective of French discourse analysis, a news published as a result of the closing of the Brazil-Venezuela border during the pandemic of the new coronavirus (COVID-19), with the aim of highlighting the mode of enunciation of the interdiscourses produced by the media, as well as observing the effects of meanings generated by the way the discourse was constituted. The methodology used to prepare this work consisted of a descriptive study, through an exploratory research of the news published on the web, with a bibliographical review that brought notes from the French AD, having as reference Pêcheux (1993; 1995), Foucault (2008) and Maingueneau (2008). The research indicates how the media discourse questions the subjection of the subject in a positioning of alliance with the defended convictions by the communication vehicle that propagates the information, however, at the same time, there is a constitutive externality in relation to the enunciative production that can lead to other subjects to disagree with the point of view defended by the enunciator.

Keywords: media discourse; interdiscourse; discursive universe; immigrants; border closure

¹ Professora da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: marhil@unir.br

² Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Rondônia. E-mail: salemarco@gmail.com

Introdução

O migrante é aquela pessoa que se desloca de país ou região geográfica ao território de outro país ou região geográfica. O Brasil tem buscado fincar relações sul-sul, sobretudo, ao propor o estreitamento diplomático com países vizinhos nos últimos anos. A aprovação da Nova Lei de Migração é uma prova disso, uma vez que busca adequar o país às novas realidades migratórias (VEDOVATO; ASSIS, 2018).

Nos últimos anos o Brasil assistiu a uma grande quantidade de solicitações de refúgios por nacionais venezuelanos, em maior quantidade no Estado de Roraima. As tensões políticas e econômicas no outro lado da fronteira propulsionaram o êxodo migratório para o lado brasileiro. Entretanto, as hipóteses clássicas que permitem o refúgio não estão presentes na condição migratória diante da conjuntura política pela qual a Venezuela atravessa, como é o caso da perseguição em razão da raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a um determinado grupo social (SILVA, 2018).

Estima-se que haja em torno de 22,5 milhões de refugiados em todo o mundo e a maior parcela consiste em uma migração internacional. Os dados fazem parte do relatório de Tendências Globais sobre Deslocamentos Forçados, tendo como ano-base 2016. Os dados indicam que 65,6 milhões de indivíduos foram deslocados forçosamente devido a perseguições, conflitos, violências e violações de direitos humanos. (PORTELA; SCHWINN, 2018). A Organização Internacional para Migrações avalia que até 2013 mais de 230 milhões de pessoas viviam em países distintos de sua nação original. Isso demonstra que a migração não é uma novidade recente na história da humanidade, pois emerge de uma consequência de conflitos em determinada comunidade (LEMOS; ZAGANELLI, 2018).

É importante observar que as áreas de fronteira são compartilhadas por governos nacionais e internacionais. “As fronteiras são espaços interestaduais onde as relações entre as populações locais e as ações dos diferentes níveis do Estado são condensadas” (MENEZES, 2018, p. 292). A integração regional nessas localidades significa a cooperação transfronteiriça no sentido de considerar essas áreas como zona de desenvolvimento harmonioso e funcional para a construção da paz, por exemplo. São regiões que exercem uma importante contribuição para a coesão social e redução das tensões entre os países.

Em março de 2020, em uma tentativa de conter a propagação do novo coronavírus (COVID-19), o Governo Federal decretou o fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela com a ajuda das Forças Armadas e da Polícia Rodoviária Federal. A medida restritiva impediu a entrada de imigrantes vindos da Venezuela, mas permitiu o tráfego de transporte rodoviário de cargas e o trânsito de mercadorias, conforme foi noticiado nos portais da internet, entre eles o site de notícias G1 Roraima (ARAÚJO; OLIVEIRA 2020).

É diante dessas circunstâncias que se questiona a respeito do tratamento dado à notícia publicada pelos veículos de comunicação no que tange ao fechamento das fronteiras, em especial, a do Brasil com a Venezuela durante a pandemia da COVID-19, período esse caracterizado pela implantação de medidas restritivas, tais como o distanciamento social como forma de conter a propagação do vírus no território nacional.

Este trabalho objetiva analisar o discurso midiático produzido por uma notícia publicada pelo jornalismo online, que tem como característica a disseminação da informação de forma célere e de ampla difusão. Ademais, o estudo busca apontar, através da perspectiva da AD francesa, os efeitos de sentido expressos na notícia sobre o fechamento das fronteiras, bem como descrever as condições de produção desses enunciados produzidos.

Para tanto, apresentamos uma breve introdução aos estudos do discurso e seus fundamentos, tais como as noções de interdiscurso e formação discursiva; a interincompreensão e os conceitos de universo, campo e espaço discursivos. Em seguida, apresentamos a análise de algumas notícias.

Introdução aos estudos discursivos

Os estudos discursivos têm início na década de 1960 com Pêcheux (1993) e emergem a partir das indagações acerca do estruturalismo e gerativismo, denominado por Mussalim (2012) como o núcleo rígido da linguística. A perspectiva da AD no que diz respeito às questões linguísticas é sempre questionar a evidência do sentido. Então os estudos discursivos questionam “o que está colocado ali naquele enunciado previamente determinado linguisticamente?”. O que está em jogo não são verdades ou mentiras, mas diferentes construções discursivas e os efeitos de sentidos causados pelos

enunciados em dada condição de produção (ou seja, levando em conta fatores socio-históricos e ideológicos).

A Análise do Discurso de linha francesa se apresenta em três fases, sendo elas: 1ª fase conhecida como maquinaria discursiva ao sugerir que os discursos são considerados mais “homogêneos”; a 2ª fase propõe o surgimento de várias funções, tais como sujeito, posições e ideologias que o mesmo indivíduo pode ocupar, ou seja, já não é tão homogêneo esse discurso; e a 3ª fase tendo como um dos principais representantes Maingueneau ao propor o interdiscurso como objeto privilegiado ao invés do discurso em si, ou seja, há sempre um discurso dentro de algo mais amplo que é o interdiscurso (MUSSALIM, 2012; MAINGUENEAU 2008).

Para a AD existe todo um método que vai localizar na sintaxe, no uso de escolhas lexicais, elementos ideológicos, a memória discursiva, a história que abarcam a produção desse texto e assim por diante. Será a formação discursiva que vai restringir esse sentido (ORLANDI, 2017).

[...] essas marcas, uma vez decifradas, podem liberar, por uma espécie de memória que atravessa o tempo, significações, pensamentos, desejos, fantasmas sepultados. Estes quatro termos, literatura – traço – decifração – memória (qualquer que seja o privilégio que se dê a um ou outro, e qualquer que seja a extensão metafórica que se lhe atribua e que lhe permita reconsiderar os três outros), definem o sistema que permite, usualmente, arrancar o discurso passado de sua inércia e reencontrar, num momento, algo de sua vivacidade perdida (FOUCAULT, 2008, p. 139).

Foucault não era linguista, mas sim um filósofo que exerce forte influência para os estudos discursivos. Ele propõe a ideia de regularidades enunciativas que levam a caracterizar uma formação discursiva:

A regularidade, assim entendida, não caracteriza uma certa posição central entre os limites de uma curva estatística – não pode, pois, valer como índice de frequência ou de probabilidade; especifica um campo efetivo de aparecimento. Todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode dela ser dissociado. Não se deve, portanto, opor a regularidade de um enunciado à irregularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados (FOUCAULT, 2008, p. 163).

É nessa esteira que surge também a ideia de descontinuidade histórica, ou seja, o discurso vai se dispersando e circula em determinados ambientes e se adapta. Para o sujeito funcionam regras para se dizer ou enunciar em uma perspectiva de que o sujeito não é uma máquina, mas uma condição de heterogeneidade. Portanto, a perspectiva histórica de Foucault (2008) é de descontinuidades, pois a mentalidade de épocas é

substituída e traz como exemplificação a loucura historicamente construída de um discurso para o outro. Deste modo, Foucault propõe uma análise histórica de condições de enunciabilidade e formula questões, quais sejam, como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar? Quais as condições de enunciabilidade permitiram com que o sujeito dissesse aquilo e não outra coisa?

O interdiscurso e a formação discursiva

A concepção de interdiscurso é desenvolvida pela perspectiva pecheutiana e seria o equivalente ao já-dito do intradiscurso, ou seja, não existe “entrelinhas” e tampouco mascaramento porque tudo está dito. Em algumas leituras da AD, o intradiscurso é o equivalente ao fio do discurso que são os elementos que constituem o conjunto de sintagmas que compõem o enunciado do discurso. “Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’, inteiramente determinada como tal “do exterior””. (PÊCHEUX, 1995, p. 167). Para Pêcheux, o interdiscurso atravessa o sujeito colocando em conexão os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído munindo o sujeito ao se constituir como “sujeito falante” no sentido de dialogar com a formação discursiva que o assujeita. O interdiscurso se articula com a ideia de referência, que neste caso, está associada com o conceito de unidade imaginária do sujeito e a identidade presente, passada ou futura encontrada nos fundamentos do interdiscurso. Ao associar o interdiscurso com a ideia de referência quer dizer que o interdiscurso vai além do significado da palavra em si, uma vez que o significado para a linguística tem haver com a representação de uma palavra descrita em um dicionário. Para a AD, o interdiscurso se constitui a partir de elementos apresentados pelo fio do discurso (intradiscurso).

Na terceira fase da Análise do Discurso, Maingueneau vai propor o primado do interdiscurso, ou seja, o interdiscurso precede o discurso. “Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 20). Portanto, em termos de gênese do discurso, a relação interdiscursiva estruturaria a identidade do discurso. A interdiscursividade opera de forma ainda mais ampla do que a arquitextualidade ou intertextualidade, por exemplo. Ora, pois o que entra em funcionamento na perspectiva do discurso não se limita ao elemento isolado no léxico

ou na sintaxe, mas sim em um sistema de restrições semânticas globais que, por sua vez, tem haver com a significação e é global porque restringe ou determina todos os planos discursivos, não somente vocabulários, mas também temas, relações intertextuais, instâncias de enunciação, gêneros textuais mobilizados pelo discurso e o seu modo de coesão. O discurso não se limita tão somente ao texto em si, é algo mais abrangente que envolve o posicionamento do sujeito, quem é o sujeito enunciador, o modo de enunciação em que o discurso é articulado e ainda para quem se dirige o discurso. Maingueneau rejeita a utilização do termo “profundeza do discurso” por entender que não seja a melhor palavra a ser empregada nesse caso, uma vez que, o discurso se materializa sempre, seja no léxico, na sintaxe, no modo de enunciação, nas restrições temáticas, citações e intertextualidade que se utiliza.

Interincompreensão

Este é um conceito desenvolvido por Maingueneau que se aproxima da ideia de tradução, mas, nesse caso, a tradução não ocorreria no sentido de converter os enunciados de um idioma para o outro, mas sim como a tradução de um posicionamento pertencente a um campo discursivo para o outro, como forma de um simulacro, ou seja, é o modo em que se coloca o Outro, mas não desejaria ser conforme o Outro propõe. Essa interincompreensão se torna ainda mais intensa se forem posicionamentos em contraposição, antagonistas e polarizados entre si.

Cada um traduz o Outro em seu fechamento traduzindo seus enunciados nas categorias absoluta, mas deve ser apreendido como uma circulação assimétrica de uma posição enunciativa a outra. A identidade de um discurso coincide com a rede de interincompreensão na qual é capturado (MAINGUENEAU, 2008, p. 21-22)

Portanto, consistiria em sempre pensar em um espaço de trocas entre os posicionamentos no sentido de que o dizer de uma FD sempre vai conter a falta do Outro dizer e até mesmo a referência ao Outro se reveste de uma forma jocosa e irônica na tentativa de destituir o Outro em sua legitimidade, causando males entendimentos. Mal entendido nessa perspectiva não é algo acidental, mas componente natural nas relações de posicionamentos (MAINGUENEAU, 2008). Então, não seria exagero afirmar que o dizer faltoso estabelece uma relação entre as escolhas das palavras, ou seja, quando um enunciado é produzido, determinado sintagma foi utilizado em detrimento de todos os outros que poderiam estar ali também inseridos, seja em uma relação de aliança com o Outro ou de divergência. A escolha de um léxico representa a

renúncia de outros. Igualmente importante destacar que a interincompreensão gera simulacros ou que os simulacros são resultados da interincompreensão.

É importante salientar que na AD, quando se fala em Outro com o “O” maiúsculo representa o processo de interpelação-assujeitamento do sujeito, e o outro grafado em minúsculo para Pêcheux (1993) significa a identificação imaginária de um outro eu. O Outro pode não ser necessariamente uma pessoa empírica, ou seja, pode ser representado por uma instituição, um conjunto de pessoas ou até mesmo o desencadeamento ideológico que assujeita o sujeito do discurso. Na AD, mesmo que haja tão somente um monólogo ou um discurso unânime, sempre haverá a presença do Outro.

Outro aspecto relevante nos estudos de Maingueneau (2008) é a proposição de uma semântica global que está relacionada com a condição de semântica e de significação. Cada discurso requer um núcleo semântico, a partir de semas reivindicados e rejeitados. A semântica global envolve alguns planos a serem analisados, tais como a intertextualidade (os textos que são utilizado em determinados discursos e são privilegiados de citação para assegurar a legitimidade de determinado posicionamento), o vocabulários (que tem haver com o emprego do léxico reivindicado para um discurso), os temas (o que permite a garantir a identidade de um discurso), o estatuto do enunciador e do enunciatário (que questiona a construção da imagem do enunciador e do enunciatário sobre um determinado discurso), o modo de coesão (elementos que permitem o analista observar quais os textos ou gêneros que foram privilegiados em determinado discurso), o modo de enunciação (o tom empregado em uma enunciação) e a dêixis enunciativa (estabelece uma relação de um conjunto de palavras que adquirem uma significação se ancorados em uma situação de enunciação).

Universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo

Ao consolidar a ideia de que os discursos são heterogêneos durante a terceira fase da AD, Maingueneau traz para os estudos discursivos o conceito de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva desenvolvida por Authier-Revuz (1990) que, por sua vez, propõe essa distinção entre a heterogeneidade mostrada que é aquela em que o Outro aparece marcadamente através de alguns recursos linguísticos como o uso do itálico, das aspas, ou uma ironia bem clara trazendo a voz do Outro. Já a heterogeneidade constitutiva, mais difícil de ser perceptiva, acontece quando não há citação ou o aparecimento do Outro diretamente. É constitutiva porque não há a

marcação da voz desse Outro, entretanto o discurso é constituído heterogeneamente. “Nossa hipótese do primado do interdiscurso inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva que amarra em uma relação inextricável o mesmo do discurso e o seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 31). Quando fala em interdiscurso não está se referindo apenas aquilo que é marcado explicitamente no texto como a voz do Outro, mas está considerando que quando um enunciador de um posicionamento fala já está implicada ali a figura do Outro. O fato de um enunciador dizer de uma forma e não de outra marca uma posição e essa posição pode ser contraposta a um Outro que disputa um espaço dentro de um campo discursivo.

Segundo Maingueneau (2008) é preciso falar de uma tríade de conceitos que são as noções que constituem o interdiscurso. Este, por sua vez, implica o universo discursivo, o campo discursivo e o espaço discursivo – apenas uma delas é mais palpável para uma pesquisa porque é mais recortada. O universo discursivo é o mais amplo, sendo um conjunto de FDs de todos os tipos que interagem em uma conjuntura dada. É no universo que existem vários campos discursivos constituídos por um conjunto de FDs situadas em condições de concorrência e que se delimitam reciprocamente em uma região estabelecida pelo universo discursivo. “É no interior do campo discursivo que se constitui um discurso. E essa constituição pode ser descrita em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes” (MAINGUENEAU, 2008, p. 34). Ademais, a ideia de espaço discursivo proposto pelo autor é algo mais próximo do pesquisador porque constitui o subconjunto de formações discursivas em que o analista pode colocar em relação devido a sua relevância, mas para isso é necessário pressupor hipóteses acerca do conhecimento dos textos ou de um saber histórico.

Análise do corpus

Ao analisar algumas notícias relacionadas ao fechamento das fronteiras entre Brasil e Venezuela, em virtude da pandemia covid-19, deparamo-nos com a notícia publicada no site eletrônico *conectas.org*, no dia 01 de junho de 2020, produzida por Ricardo Moraes. O enunciado discorre acerca do fechamento da fronteira Brasil e Venezuela, em virtude da pandemia COVID-19. Para essa análise observamos o funcionamento discursivo a partir das condições de produção do sujeito, bem como o posicionamento desse sujeito no cenário catastrófico, em virtude da pandemia. A notícia em questão traz em seu título um entendimento acerca do ato governamental, portaria

Nº 255, de 22 de maio de 2020, que dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa. Na notícia, destaca-se um posicionamento claro dos organizadores da matéria em destacar e classificar o instrumento governamental como um ato de discriminação aos imigrantes “Fechamento de fronteira discrimina venezuelanos”. Pêcheux (1993) defendia que o sentido do enunciado é produzido dentro de uma conjuntura socio-histórica e ideológica o qual justifica a FD produzida pela Conectas, organização não governamental, que possui como pressuposto proteger, efetivar e ampliar os direitos humanos.

Ao trazer retalhos da petição no penúltimo parágrafo do texto, a reportagem manifesta um posicionamento contrário às medidas implantadas pelo Governo Federal. Os termos como “medida autoritária”, “desumana” e “ignora” suscitam essa constatação de que o jornalista Ricardo Moraes, redator desse texto, se inscreve em uma formação discursiva de aliança aos direitos dos imigrantes e contrário às políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro. E no terceiro parágrafo, o trecho “também exclui aquelas que se dividem com um município venezuelano”, o léxico “exclui” mais uma vez mostra a constituição de um sentido de contraposição às medidas impostas pelas autoridades brasileiras, pois pode ser interincompreendido como uma forma de discriminação aos imigrantes que residem na Venezuela e buscam cruzar a fronteira. É válido lembrar que a Semântica Global proposta por Maingueneau (2008) tem como um dos planos de observação os fatores lexicológicos para constatar um efeito de sentido, o que pode levar a interincompreensão do outro a partir da seleção de determinadas palavras que em um enunciado poderia constar outros termos em seu lugar.

Na perspectiva da AD, o texto faz sentido por sua inserção na formação discursiva em função da memória discursiva. É desta formação discursiva onde está situado o interdiscurso que o texto retoma e põe à parte, ou seja, não há propriamente o texto da forma como se apresenta em outras correntes, concebido como uma unidade coesa e coerente no lugar do que são as linearizações completas materiais do discurso. Na perspectiva da AD, o texto materializa o discurso, que por sua vez, materializa a ideologia.

A notícia publicada pela Conectas, consta que foi a própria organização que impetrou junto a Defensoria Pública da União o pedido de *amicus curiae* “A Conectas e Cáritas Arquidiocesana [...] ingresso como *amicus curiae* – contribuições técnicas em decisões dos tribunais – apontam ainda que a medida viola substancialmente a

disciplina legal, constitucional e convencional sobre a dinâmica de ingresso no País.” Isso mostra que a organização em questão possui uma corrente ideológica já formada a qual culmina com os objetos discursivos que são produzidos. A formação discursiva posta vem carregada de verdades que mostram um possível abuso de poder que se sobrepõe a uma norma, em virtude da relação de força que o Estado possui em relação aos imigrantes. É importante destacar que a posição ocupada pelo FD está estritamente ligada ao interdiscurso, pois quando articulado produz enunciados que promovem movimentos diferentes, mas com o mesmo objetivo que é legitimar os saberes contidos em cada formação discursiva diferente, uma relação antagônica de análise.

Se o interdiscurso é o complexo para várias formações discursivas e mesmo que se inscreva em uma formação discursiva específica se está em contato com esse conjunto mais amplo, é preciso observar o que é linearizado e colocado nos enunciados concretos (fio do discurso) que é um conceito próximo ao que Pêcheux (1993) chama de contra discurso. Em continuidade à análise, destacamos mais um trecho citado na notícia e que faz parte da petição “A malfadada inabilitação para o refúgio é medida autoritária e desumana, que ignora o fato de se tratar de pessoa que muitas vezes busca proteção internacional, podendo então ser devolvida a um país onde sua vida e integridade física estão em perigo”. O fato da notícia conter trecho da petição, mostra o seu posicionamento em defender pautas relacionadas à garantia de direitos humanitários, representando a classe minoritária, a massa desfavorecida que busca em um refúgio a possibilidade de viver melhor. Pêcheux (1995) observa que a formação discursiva é constituída a partir do sistema de reformulação, paráfrase e sinônimas em que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza através da identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina. Essa interpelação ocorre a partir de um desdobramento constitutivo de sujeito do discurso de modo a representar o “locutor”, conhecido também como o “sujeito da enunciação”, esse sujeito ao tomar posição é provido de total conhecimento de causa, responsabilidade e liberdade. Entretanto, o sujeito tem a ilusão de ser o dono do enunciado que produz, quando na verdade não existe sujeito adâmico, ou seja, aquele é a origem do que pronuncia, como considerava Bakhtin (2006). O que explica essa impressão de que o sujeito é original da enunciação é o seu assujeitamento ideológico, o sujeito esquece de que na verdade é atravessado pelo discurso de um Outro, por isso o esquecimento estimula o imaginário e a formação discursiva é onde se constitui o sentido (PÊCHEUX, 1995). Por fim, a notícia menciona “a ausência de regras claras sobre o tratamento de grupos vulneráveis,

como crianças, adolescentes, idosos e potenciais vítimas de tráfico de pessoas”. É sabido que essas questões sempre foram pautadas em discussões relacionadas às políticas públicas em todas as esferas governamentais, a falta dessas políticas agrava de forma grandiosa a qualidade de vida dos brasileiros e, principalmente dos imigrantes que buscam no Brasil uma alternativa de sobrevivência.

O enunciatório que será o leitor do texto produzido pela Conectas pode se inscrever em uma formação discursiva pró ou contra imigrantes a depender do seu assujeitamento ideológico, conforme defendido por Maingueneau (2008). A interincompreensão do Outro pode levá-lo a concordar com as medidas restritivas do Governo Federal na proporção em que se trata de um vírus que se propaga rapidamente em todo o mundo e ainda não tem cura. Esse sujeito contrário a entrada dos imigrantes suscita algumas argumentações, tais como: o desconhecimento das medidas sanitárias adotadas no outro lado da fronteira, se há algum imigrante infectado pelo vírus que busca a entrada no território brasileiro e até mesmo a sobrecarga no sistema público de saúde. Enquanto que o sujeito em posição de aliança a entrada desses imigrantes pode suscitar como argumentos questões como: os tratados internacionais assinados pelo governo brasileiro no sentido de conceder o refúgio, o amparo e a proteção ao imigrante, o espírito de fraternidade para o acolhimento desses povos em situação de vulnerabilidade social, a defesa dos direitos humanos e a obrigação em conceder ajuda humanitária.

Diante do exposto, é possível afirmar que a reportagem compõe um universo discursivo sobre migração, do qual o campo discursivo é jornalístico, entretanto colocado em funcionamento similar a uma comunicação institucional de uma organização defensora dos direitos humanos, o que interfere no espaço discursivo predominantemente pró-imigração, mas que, ao mesmo tempo levanta uma polêmica entre duas FDs possíveis - aliança ou contraposição ao processo migratório.

Considerações finais

O texto produzido pelo Conectas deixa explícito através de seus enunciados, a sua inscrição na formação discursiva em defesa das causas dos imigrantes. Esse posicionamento é coerente com as finalidades descritas pela instituição que possui como pressuposto proteger, efetivar e ampliar os direitos humanos.

No decorrer da reportagem, o jornalista evoca trechos de legislação para buscar legitimar esse posicionamento discursivo de aliança à entrada dos imigrantes durante a

pandemia do novo coronavírus (COVID-19). A notícia busca convencer o leitor a se inscrever nesse mesmo posicionamento defendido pela ONG.

Entretanto, é preciso reconhecer a interferência de uma exterioridade constitutiva em relação à produção enunciativa que podem levar o leitor a concordar com as medidas restritivas implementadas pelo Governo Federal no sentido de vedar a entrada desses imigrantes venezuelanos que levará esse enunciatário a se inscrever em uma condição de contraposição à Organização Não-Governamental. Por outro lado, a reportagem toca em questões legais e legítimas de amparo a esse povo que vive em condição de vulnerabilidade social e, portanto, pode interpelar o leitor a um posicionamento de aliança ao Conectas e contrário às medidas implantadas pelo governo brasileiro.

Ademais, os elementos lexicológicos são fundamentais para a percepção dos efeitos de sentido contidos no interdiscurso, pois suscitam a tendência em que o sujeito se inscreve para determinada formação discursiva. O léxico compõe um dos sete planos da semântica global propostos por Maingueneau para analisar um discurso.

E por fim, ainda é possível afirmar que a notícia analisada pertence a um universo discursivo sobre migração. Ao mesmo passo em que o campo discursivo é o jornalístico, entretanto, esse campo jornalístico é colocado em funcionamento a partir de uma condição similar a uma comunicação institucional de uma organização defensora dos direitos humanos, o que interfere no espaço discursivo predominantemente pró-imigração, mas que, ao mesmo tempo, levanta uma polêmica entre duas FDs possíveis - aliança ou contraposição ao processo migratório, ou aliança e contraposição às medidas adotadas pelo Governo Federal no que se refere ao fechamento da fronteira Brasil e Venezuela durante a pandemia do novo coronavírus (COVID-19).

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. In.: Caderno de Estudos Linguísticos, vol. 19. Campinas: Unicamp, 1990, p. 25-42
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e a Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006. Disponível em: <
https://social.stoa.usp.br/articles/0016/2334/BAKHTIN_Mikhail_-_Marxismo_e_filosofia_da_linguagem.pdf> . Acesso em 26 set 2020.

- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LEMOS, Jordan Tomazelli; ZAGANELLI, Margareth Vetis. Crise na fronteira Venezuela-Roraima: desafios para o sistema de saúde pública. In.: BAENINGER, Rosana et al. *Migrações Fronteiriças*. Campinas: Unicamp, 2018, p. 404-413.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. 2ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MENEZES, Daniel Francisco Nagao. **Mercosul: construindo uma fronteira comum, utopia ou necessidade?**. In.: BAENINGER, Rosana et al. *Migrações Fronteiriças*. Campinas: Unicamp, 2018, p. 512- 528.
- MORAES, Ricardo. Fechamento de fronteira discrimina venezuelanos. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/portaria-sobre-fechamento-de-fronteira-e-questionada-na-justica-por-discriminar-pessoas-vindas-da-venezuela?gclid=CjwKCAiA8Jf-BRB-EiAWDtEGoKOWu_o0Ei-NGynRQd28vVgB9fne2YcwsK3ylfelottW4fHuv8WphoCSHUQAvD_BwE>. Acesso em 01 dez. 2020.
- MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**. In. MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol 2. São Paulo: Cortez, 2012. (p. 113-126).
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas: Unicamp, 2ed., 1995.
- PÊCHEUX; Michel. **Análise Automática do Discurso**. In: GADET F; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 2ed., 1993.
- PORTELA, Êmily de Amarante; SCHWINN, Simone Andrea. **Elementos para (re)pensar a mobilidade humana: globalização, novos fluxos migratórios e políticas públicas**. In.: BAENINGER, Rosana et al. (orgs.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas: Unicamp, 2ed., 2018, p. 700- 711.
- SILVA, João Carlos Jarochinski. **Uma política migratória reativa e inadequada: A migração venezuelana para o Brasil e a Resolução n. 126 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg)**. In.: BAENINGER, Rosana et al. (orgs.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas: Unicamp, 2ed., 2018, p. 637- 650.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**. In.: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes Editores, 3ed., 2017, p. 13-36.

VEDOVATO, Luis Renato; ASSIS, Ana Elisa Spaolonzi Queiroz. **Os vetos à nova lei de migração brasileira: A interpretação como um passo necessário.** In.:

BAENINGER, Rosana et al. (orgs.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas: Unicamp, 2ed., 2018, p. 597-608.

Submetido em: 01/07/2021.

Aprovado em: 07/11/2021.

Como referenciar este artigo:

COTINGUIBA-PIMENTEL, Marília Lima; SALES, Marco Paulo Bastos Souto Vieira. Uma análise discursiva sobre o fechamento da fronteira Brasil-Venezuela durante a pandemia da Covid-19. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Norte em análise: discursividades. 2021, p. 187-200.